GlobalResearch
Center for Research on Globalization

25 verdades sobre os Repórteres Sem Fronteiras

Organização francesa pretende defender a liberdade de imprensa, mas esconde um agenda política muito precisa

By Salim Lamrani
Global Research, May 09, 2014
Opera Mundi

A organização francesa pretende apenas defender a liberdade de imprensa. Na verdade, por trás da nobre fachada, se esconde um agenda política muito precisa.

1. Fundada em 1985 por Robert Ménard, Jean-Claude Guillebaud e Rony Brauman, a Repórteres sem Fronteiras tem como missão oficial "defender a liberdade de imprensa no mundo, isto é, o direito de informar e ser informado, conforme o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos."

2. Entretanto, apesar dessa profissão de fé oficial, a RSF tem uma face obscura e uma agenda política muito precisa, ligada à de Washington, e arremete particularmente contra os governos de esquerda da América Latina, preservando, ao mesmo tempo, os países desenvolvidos.

3. Assim, a RSF tem sido financiada pelo governo dos Estados Unidos pela National Endowment for Democracy (Fundação Nacional pela Democracia, a NED, por sua sigla em inglês). A organização o reconhece: "Efetivamente, recebemos dinheiro da NED. E não é nenhum problema para nós."

Wikicommons

4. A NED foi criada pelo antigo presidente norte-americano Ronald Reagan em 1983, em uma época na qual a violência militar tinha tomado a dianteira da diplomacia tradicional nos assuntos internacionais. Graças à sua poderosa capacidade de penetração financeira, a NED tem como objetivo debilitar os governos que se oporiam à política externa de Washington.

[RSF nunca se pronunciou sobre o caso do jornalista Mumia Abu-Jamal, que cumpre prisão perpétua nos EUA]

5. De acordo com o New York Times (em artigo de março de 1997) a NED "foi criada há 15 anos para realizar publicamente o que a Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência, a CIA) tem feito sub-repticiamente durante décadas. Gasta 30 milhões de dólares anuais para apoiar partidos políticos, sindicatos, movimentos dissidentes e meios de comunicação de dezenas de países."

6. Em setembro de 1991, Allen Weinstein, pai da legislação que deu luz à NED, expressou o seguinte ao Washington Post: "Muito do que fazemos hoje tem sido feito clandestinamente

pela CIA há 25 anos."

7. Carl Gershman, primeiro presidente da NED, explicou a razão de ser da fundação em junho de 1986: "Seria terrível para os grupos democráticos do mundo inteiro serem vistos como subvencionados pela CIA. Vimos isso nos anos 60 e por isso demos um fim nisso. É porque não poderíamos continuar que a fundação foi criada."

8. Assim, segundo o The New York Times, Allen Weinstein e Carl Gershman, a RSF é financiada por um escritório de fachada da CIA.

9. A RSF também recebeu financiamento do Center for a Free Cuba (Centro para uma Cuba Livre). O diretor da organização à época, Frank Calzón, foi anteriormente um dos presidentes da Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA), gravemente implicada no terrorismo contra Cuba, como foi revelado por um de seus antigos diretores, José Antonio Llama.

10. A RSF recebeu fundos da Overbrook Foundation, entidade fundada por Frank Altschul, promotor da Radio Free Europe, estação da CIA durante a Guerra Fria, e colaborador próximo de William J. Donovan, chefe dos serviços secretos estadunidenses nos anos 50 e fundador do Office of Strategic Services (Agência de Serviços Estratégicos), predecessora da CIA.

11. No passado, a RSF se manteve em silêncio sobre as exações cometidas pelo Exército dos Estados Unidos contra os jornalistas. Assim, a RSF somente de lembrou tardiamente — cinco anos depois — do caso Sami Al-Haj, jornalista do canal do Qatar Al-Jazeera, preso e torturado no Afeganistão por autoridades norte-americanas e em seguida enviado para Guantánamo. Al-Haj foi libertado no dia 1 de maio de 2008, depois de mais de seis anos de calvário. Ou seja, a RSF precisou de uma investigação de 5 anos para descobrir que Al-Haj foi preso, sequestrado e torturado apenas por ser jornalista.

12. Em um relatório de 15 de janeiro de 2004, a RSF exonerou de qualquer envolvimento os militares norte-americanos responsáveis pelo assassinato do jornalista espanhol José Couso e de seu colega ucraniano Taras Protsyuk no hotel Palestina, em Bagdá. De acordo com a família de Couso, "as conclusões desse relatório isentam de culpa os autores materiais e reconhecidos do disparo contra o hotel Palestina baseando-se na duvidosa imparcialidade dos envolvidos e do próprio testemunho dos autores e responsáveis pelo disparo, deslocando essa responsabilidade para pessoas não identificadas. A realização desse relatório foi assinada por um jornalista, Jean-Paul Mari, que tem conhecidas relações com o coronel Philip de Camp, militar que reconheceu seu envolvimento no ataque e nas mortes dos jornalistas do hotel Palestina e, além disso, seu relatório se apoia no testemunho de três jornalistas das forças dos Estados Unidos, todos eles norte-americanos, tendo alguns deles feito parte — Chris Tomlinson — dos serviços de inteligência do Exército dos Estados Unidos durante mais de sete anos. Nenhum dos jornalistas espanhóis que estavam no hotel foram consultados para a elaboração desse documento". No dia 16 de janeiro de 2007, o juiz madrilenho Santiago Pedraz emitiu uma ordem de prisão internacional contra o sargento Shawn Gibson, o capitão Philip Wolford e o tenente-coronel Philip de Camp, responsáveis pelos assassinatos de Couso e Protsyuk e absolvidos pela RSF.

Sami Al-Haj, jornalista do canal do Qatar Al-Jazeera, preso e torturado no Afeganistão:

13. A RSF fez apologia à invasão do Iraque em 2003 ao afirmar que "a derrubada da

ditadura de Saddam Hussein pôs fim a 30 anos de propaganda oficial e abriu uma era de nova liberdade, cheia de esperanças e de incertezas, para os jornalistas iraquianos. Para os meios de comunicação iraquianos, décadas de privação total de liberdade de imprensa chegaram a seu fim com o bombardeio do ministério de Comunicação, no dia 9 de abril em Bagdá."

14. No dia 16 de agosto de 2007, durante o programa de rádio "Contre-expertise", Robert Ménard, então secretário-geral da RSF, legitimou o uso da tortura.

RSF

15. A RSF apoiou o golpe de Estado contra o presidente haitiano Jean-Bertrand Aristide, que foi organizado pela França e pelos Estados Unidos, com o matéria "A liberdade de imprensa recuperada: uma esperança a ser mantida."

[Campanha contra Cuba organizada pelos RSF]

16. Durante o golpe de Estado contra Hugo Chávez em abril de 2002, organizado por Washington, a RSF publicou um artigo, no dia 12 de abril de 2002, que retomava sem reserva alguma a versão dos golpistas e tentava convencer a opinião pública internacional de que Chávez tinha renunciado. "Recluso no palácio presidencial, Hugo Chávez assinou sua renúncia durante a noite, sob pressão do Exército. Depois foi levado para Fuerte Tiuna, a principal base militar de Caracas, onde está detido. Imediatamente depois, Pedro Carmona, o presidente da Fedecámaras (Federação de Câmaras e Associações de Comércio da Venezuela), anunciou que dirigiria um novo governo de transição. Afirmou que seu nome era fruto de um 'consenso' da sociedade civil venezuelana e dos comandantes das forças armadas."

17. A RSF sempre negou tomar nota do caso de Mumia Abu-Jamal, jornalista negro preso nos Estados Unidos há 30 anos por denunciar em suas reportagens a violência policial contra as minorias.

18. A RSF organiza regularmente campanhas contra Cuba, país onde nenhum jornalista foi assassinado desde 1959. A organização está em estreita colaboração com Washington a esse respeito. Dessa forma, em 1996, a RSF teve um encontro em Paris com Stuart Eizenstat, embaixador especial da administração Clinton para assuntos cubanos.

19. No dia 16 de janeiro de 2004, a RSF se reuniu com os representantes da extrema-direita cubana da Flórida para estabelecer uma estratégia de luta midiática contra o governo cubano.

20. A RSF lançou várias campanhas midiáticas difundindo mensagens publicitárias nos meios de comunicação escritos, de rádio e de televisão, destinadas a dissuadir os turistas de viajar para Cuba. É o que preconiza o primeiro relatório da Comissão de Assistência para uma Cuba Livre, publicado pelo presidente George W. Bush em maio de 2004 e que recrudesce as sanções contra Cuba. Assim, esse relatório cita a RSF na página 20 como exemplo a ser seguido.

21. A RSF afirma abertamente que somente lhe interessam os países do Terceiro Mundo:

“Decidimos denunciar os atentados contra a liberdade de imprensa na Bósnia e no Gabão e as ambiguidades dos meios argelinos ou tunisianos… mas não tomamos nota dos excessos franceses”. Por quê? “Porque se o fazemos, corremos o risco de incomodar alguns jornalistas, suscitar a inimizade dos grandes donos de imprensa e irritar o poder econômico. Agora veja, para nos tornamos midiáticos, precisamos de cumplicidades dos jornalistas, do apoio dos donos de imprensa e do dinheiro do poder econômico.”

22. Jean-Claude Guillebaud, co-fundador da RSF e primeiro presidente da associação, abandonou a organização em 1993. Explicou as razões: “Eu pensava que uma organização desse tipo poderia ser legítima se incluísse um trabalho de crítica do funcionamento dos meios de comunicação ocidentais. Seja sobre os desvios do trabalho jornalístico (falsas entrevistas etc.) ou fazendo um trabalho profundo de reflexão sobra e evolução dessa profissão, suas práticas e os possíveis ataques às liberdades nas democracias. Caso contrário, nos veriam como neocolonialistas, como arrogantes que pretendem dar lições. Quando se chama a atenção dos líderes dos países do Terceiro Mundo sobre os ataques à liberdade de imprensa em seus países, a questão que se levanta automaticamente contra nós é saber que uso nós damos à nossa liberdade. Ainda que os objetivos não sejam os mesmos, é uma questão essencial e eu achava que tínhamos de dedicar a ela 50% do nosso tempo e de nossa energia (…). À medida que a associação se desenvolvia, as operações se tornavam mais e mais espetaculares. Foram levantadas duas questões: não havia uma contradição em denunciar certos desvios do sistema midiático e usar os mesmos métodos nas nossas ações de denúncia? Por sua vez, Robert Ménard achava que tinha de passar por cima de toda a atividade crítica aos meios de comunicação para conseguir o apoio da grande imprensa e das grandes cadeias de televisão (…). Para mim, pareciam próximos demais da imprensa anti-Chávez na Venezuela. Não há dúvida de que era necessário ser mais prudente. Eu acho que eles ouvem muito pouco sobre os Estados Unidos.”

23. O diário francês Libération, fiel patrocinador da organização, aponta que a RSF permanece em silêncio sobre os abusos dos meios de comunicação ocidentais: “No futuro, a liberdade de imprensa será exótica ou não será. Muitos “reprovam sua ira contra Cuba e contra a Venezuela e sua indulgência em relação aos Estados Unidos, o que não é falso.”

24. A RSF nunca dissimulou suas relações com o mundo do poder. “Um dia tivemos um problema de dinheiro. Eu liguei para o empresário François Pinault pedindo que nos ajudasse (…). Ele respondeu meu pedido em seguida. E isso é a única coisa que importa” porque “a lei da gravidade existe, queridos amigos. E também a lei do dinheiro.”

25. Assim, apesar das reinvindicações de imparcialidade e de defesa da liberdade de imprensa, a RSF tem efetivamente uma agenda política e arremete regularmente contra os países da nova América Latina.

Doutor em Estudos Ibéricos e Latino-americanos, Salim Lamrani é professor-titular da Universidade de la Reunión e jornalista, especialista nas relações entre Cuba e Estados Unidos. Seu último livro se chama Cuba. Les médias face au défi de l’impartialité, Paris, Editions Estrella, 2013, com prólogo de Eduardo Galeano.

Contato: lamranisalim@yahoo.fr ; Salim.Lamrani@univ-reunion.fr
Página no Facebook: https://www.facebook.com/SalimLamraniOfficiel

The original source of this article is Opera Mundi

Copyright © Salim Lamrani, Opera Mundi, 2014

Comment on Global Research Articles on our Facebook page

Become a Member of Global Research

Articles by: Salim Lamrani

About the author:

Docteur ès Etudes Ibériques et Latino-américaines de l'Université Paris IV-Sorbonne, Salim Lamrani est Maître de conférences à l'Université de La Réunion, et journaliste, spécialiste des relations entre Cuba et les Etats-Unis. Son nouvel ouvrage s'intitule Fidel Castro, héros des déshérités, Paris, Editions Estrella, 2016. Préface d'Ignacio Ramonet. Contact : lamranisalim@yahoo.fr ; Salim.Lamrani@univ-reunion.fr Page Facebook : https://www.facebook.com/SalimLamraniOfficiel

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca